

H. M. BLALOCK, JR.  
da Universidade da Carolina do Norte

# INTRODUÇÃO A PESQUISA SOCIAL

Tradução de  
ELISA L. CAILLAUX

Revisão técnica de  
EDSON DE OLIVEIRA NUNES

ZAHAR EDITORES  
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

~~XXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXX~~

AULA 1.2

1.1.2

16 copias

cas diretrizes realmente úteis que o cientista social possa usar na construção de teorias específicas, para então se dedicar, de alguma maneira sistemática, a explicações de natureza mais geral.

Uma das razões das dificuldades aqui encontradas é que elas envolvem problemas fundamentais de mensuração. Pode-se medir preconceito em relação ao negro, às mulheres, ou aos comunistas, de forma tal que seja razoável concluir que eles estão todos cobrindo o mesmo tipo de atitude geral? Será possível conceituar o termo *punição* de forma que se torne aplicável tanto a punições de uma nação sobre a outra, como à de pais sobre os filhos? Consideraremos tais problemas de mensuração no próximo capítulo, onde veremos que os processos de mensuração e de construção de teoria estão intimamente inter-relacionados.

## MENSURAÇÃO

POR QUE A MENSURAÇÃO tem importância crucial para o desenvolvimento das Ciências Sociais? Em parte, as respostas já estão implícitas nas discussões anteriores, mas agora é necessário que sejam muito mais específicas. Os críticos da abordagem quantitativa na pesquisa social frequentemente afirmam que os cientistas sociais estão simplesmente obcecados pela necessidade de serem "científicos" e ganhar respeito no meio acadêmico, aparecendo como obstinados e objetivos em vez de especulativos e altamente subjetivos. Quando me interessei pela Sociologia como uma carreira profissional, foi exatamente esta minha reação. Parecia-me que os cientistas sociais gastavam muito tempo falando sobre a necessidade de serem científicos e aperfeiçoarem suas mensurações, mas que de fato faziam muito pouco sobre isto. Agora, entretanto, consigo ver que os problemas de mensuração são muito mais complexos do que originalmente imaginava. Neste capítulo tentarei indicar o que algumas dessas complexidades básicas parecem ser, e como os cientistas sociais estão tentando resolvê-las.

Uma das razões pelas quais a mensuração acurada é necessária foi sugerida no capítulo anterior. Se as supostas causas de um fenômeno tal como a delinquência ou a discriminação estão altamente intercorrelacionadas, torna-se tecnicamente impossível separar seus efeitos componentes sem medidas exatas, em geral, quanto mais altamente inter-relacionadas, mais

precisas devem ser nossas medidas. Mas, mesmo onde identificamos e isolamos corretamente uma ou duas variáveis importantes, pode ser necessária uma mensuração precisa para refinar a análise além do nível do senso comum. Por exemplo, comumente ouvimos a afirmação de que quanto maior o número de não-brancos na área, maior a discriminação. Mas, isto implica uma relação direta ou linear entre um tipo particular de discriminação e porcentagem de minoria? Ou uma relação curvilínea é mais apropriada? Se assim for, então, exatamente que tipo de curva seria mais eficaz? Obviamente, quanto melhor nossa mensuração de ambas as variáveis, mais precisos podemos ser sobre as formas exatas das relações. Talvez a curva varie, em relação à forma, de acordo com o tipo de comunidade ou presença de outras minorias. Se este for o caso, a mensuração precisa possibilitará que o pesquisador aprenda mais sobre as condições que afetam a relação. \*

A estas razões importantes que demonstram que a mensuração precisa ser aperfeiçoada, podemos adicionar pelo menos mais uma. Considerações sobre a mensuração frequentemente nos possibilitam esclarecer nossos pensamentos teóricos e sugerir novas variáveis que deveriam ser consideradas. Sempre se pensou, antes de experiências reais com a mensuração, que nós realmente compreendemos a natureza de um fenômeno porque o experimentamos diretamente. Por exemplo, pode-se supor que todos tenham uma compreensão básica do que é o *preconceito*. Mas, assim que se começa a medi-lo, surge inevitavelmente a afirmação de que o verdadeiro preconceito não pode ser *realmente* mensurado por nenhum teste-de-lápis-e-papel. Sua *verdadeira essência* não pode ser apreendida. Se à crítica hipotética perguntamos o que é exatamente esta *verdadeira essência*, no entanto, ela normalmente achará quase impossível exprimir exatamente seu significado. Talvez construa seu próprio teste-de-lápis-e-papel, caso em que provavelmente ocorrerá um debate para saber qual teste é a *melhor* medida de preconceito, a essência do que se pretende compreender.

Tal deve ser o procedimento da ciência. Quando alguém se esforça em compreender os procedimentos específicos a serem usados no processo de mensuração (por exemplo, as perguntas específicas que fará), pode descobrir que diferentes pessoas têm basicamente diferentes concepções sobre o que uma noção tal como a de *preconceito* pode exprimir. A medida que os dados são realmente coletados, pode-se também descobrir que as respostas às perguntas não se alinham da maneira que se esperava originalmente. Por exemplo, brancos que tendem a usar estereótipos não-favoráveis em relação ao negro (ex.: sujo, preguiçoso ou agressivo) podem não ser necessariamente aqueles que prefeririam evitá-los. Com efeito, os dados podem levar à inferência de várias dimensões distintas de preconceitos que não estejam altamente intercorrelacionadas. Isto por sua vez significa que o preconceito não deve ser estudado como se fosse uma variável única. Pode haver diferentes tipos de preconceitos com implicações bem diferentes para as teorias da discriminação. E, na realidade, isto ocorre. O importante é que a atenção cuidadosa com a mensuração pode forçar uma clarificação dos conceitos básicos e teorias.

#### Característica Indireta da Mensuração

Talvez a objeção mais frequentemente encontrada com relação aos esforços da mensuração precisa nas Ciências Sociais se baseie no argumento de que a mensuração é quase sempre altamente indireta. Como veremos, toda mensuração é em algum grau indireta, mesmo na física, a ciência mais precisa com a qual se pode comparar a ciência social. Mas, embora os cientistas sociais possam prontamente apontar este fato e argumentar por analogias que seus problemas não são basicamente diferentes dos problemas dos cientistas físicos, parece realista admitir que tal dificuldade é importante. Para ilustrar a generalidade desse problema, indicando, ao mesmo tempo, algumas dificuldades específicas do cientista social, analisarei um tipo simples de problema de mensuração na física.

"massa" de um corpo em termos de algum tipo aceito de propriedade que envolve uma quantidade de matéria. Entretanto, a mensuração da massa não é tão direta como às vezes supomos. Basicamente, a mensuração de quantidades tais como a massa (ou comprimento, ou tempo) exige a leitura de dados no mostrador de algum instrumento de precisão sob condições padronizadas, e a inferência da massa do corpo se baseia na leitura de tal mostrador. Podemos construir uma interpretação causal dos processos de mensuração, tal como se segue: a leitura real da escala que se vê no mostrador é determinada por um conjunto de fatores dos quais apenas um representa a massa presumida do corpo. Quando se usa uma balança de molas, a leitura do resultado é determinada por (a) a massa do corpo, (b) a força gravitacional da terra, (c) propriedades da própria balança (ex.: elasticidade das molas), (d) propriedades do cientista que lê a escala, e (e) vários outros fatores, nenhum dos quais de maior significação.

Como, então, podemos inferir a "massa" a partir do valor encontrado? De fato, isso é feito através de suposições mais ou menos realistas sobre as outras variáveis que possivelmente afetam as interpretações. Algumas vezes essas suposições podem ser feitas com base na teoria ou em "fatos" bem estabelecidos. Neste exemplo, a força da gravidade da terra é dada como conhecida, e podem ser feitos ajustamentos para locais que não estejam ao nível do mar. Reconhecemos que há uma certa circularidade neste tipo de argumentação teórica, uma vez que, em algum lugar, precisamos ser feitas certas suposições teóricas para se estabelecer um ponto inicial. Isto ilustra a observação geral de que a existência de teorias adequadas pode ajudar o processo de mensuração. Pode-se supor, realmente, que os efeitos da força de gravidade da terra se mantêm constantes de um experimento para outro, de forma que nenhuma das diferenças na leitura dos indicadores poderia ser atribuída a este fator particular.

As propriedades da própria balança, tais como a qualidade das molas, poderia também ser responsável

pela interpretação dos indicadores. Usualmente se supõe que os instrumentos de medição possuem certas propriedades constantes e que foram bem calibrados pela comparação dos resultados desse tipo particular de balança com outros resultados de instrumentos estandarizados. Novamente, há aqui certa circularidade na argumentação. Como se pode saber se as propriedades da balança usada como padrão são realmente constantes? Talvez tais instrumentos tenham propriedades mutáveis conhecidas apenas pelo misterioso demônio que manipula essas propriedades, de forma que todas mudem na mesma direção. Fazemos, simplesmente, as suposições muito plausíveis de que, este não é o caso, e que as propriedades do instrumento de medição podem ser tomadas como constantes durante o período de observação. Deste modo, precisamos não apenas fazer suposições teóricas, mas também suposições sobre os nossos instrumentos de medição.

Existem também as várias propriedades do próprio observador e de incontáveis distúrbios menores. Admitindo, por exemplo, que qualquer julgamento do observador humano no tocante à coincidência entre o valor encontrado e uma dada linha dependerá da condição dos seus olhos e de numerosos fatores psicológicos, o físico baseia-se, sempre que pode, em substitutos mecânicos ou eletrônicos. Como precaução final, insiste em mensurações repetidas ou em repetição da experiência, para cancelar os efeitos de distúrbios casuais. Finalmente, então, pode fazer algumas afirmações probabilísticas, que, na prática, dependem da suposição de que os distúrbios operam de acordo com leis conhecidas de probabilidade. Se, de fato, operarem de alguma maneira desconhecida, ele poderá obter medidas distorcidas, e quaisquer inferências baseadas nessas medidas podem ser falsas.

Exatamente os mesmos princípios se aplicam à mensuração nas Ciências Sociais, mas infelizmente é muito mais difícil fazer suposições realistas sobre os distúrbios. Isto se deve a uma combinação de razões: primeiro, faltam-nos teorias sólidas que possam ser usadas para especificar outras forças (ex.: gravidade) que provavelmente operam; segundo, não,

podemos nos assegurar tão facilmente de que nossos instrumentos de medida estão bem calibrados em relação a um padrão objetivo ou que possuem propriedades constantes. Isto significa que se obtivermos diferentes resultados de um experimento para outro, será difícil separar as verdadeiras mudanças daquelas que resultam do próprio processo de mensuração. Finalmente, existem várias razões práticas pelas quais as mensurações repetidas são mais difíceis e menos úteis no caso de problemas humanos.

Portanto, embora possamos legitimamente afirmar que os problemas básicos da mensuração são similares em todas as ciências, este tipo simples de asserção pode ocultar um número de problemas reais que o cientista social precisa enfrentar, em virtude do fato de que toda mensuração é necessariamente indireta. Esta característica indireta é uma questão de grau, e em geral quanto mais indireta a mensuração maior o número de suposições não-testadas que devem ser alinhadas para que se produzam testes válidos da teoria.

Para tornar mais específica esta questão geral, voltar-me-ei, a seguir, para o problema da mensuração de atitudes. Existe alguma forma razoavelmente rigorosa de se inferir o que se está passando na cabeça de alguém, através do exame da padronagem de suas respostas a um teste? Como e por que este problema é mais complexo do que o de inferir as propriedades de um corpo (ex.: sua massa) com base no seu comportamento quando colocado numa balança? Os seres humanos são tão variáveis, ou tão excêntricos, a ponto de tornarem a tarefa virtualmente desesperançosa? Existem formas de obter medidas repetidas sem ao mesmo tempo modificar a pessoa que está sendo estudada?

#### Mensuração de Atitudes <sup>1</sup>

Suponhamos que um pesquisador queira testar a hipótese de que quanto maior o conservadorismo po-

<sup>1</sup> Existe uma literatura extensa sobre a mensuração de atitudes, de cunho razoavelmente técnico. Uma boa forma para

lítico de uma pessoa, maior seu preconceito em relação às minorias. Obviamente, será necessário medir tanto preconceito quanto conservadorismo político, estando ambos, possivelmente, definidos de maneira não muito clara. Mesmo que se tenha dado definições mais específicas a ambos os conceitos, será necessário lutar com vários problemas importantes no processo de elaboração de um conjunto de questões planejadas para medir cada variável.

Uma decisão básica refere-se ao nível de generalidade no qual a hipótese vai ser testada. O objetivo é analisar o preconceito em relação a todas as minorias ou apenas em relação aos negros? Que tipos de áreas de conservadorismo político se pretende cobrir? Conservadorismo econômico? Conservadorismo em relação às liberdades civis? Relações internacionais? Em qual especificidade deverão ter os itens? Deveriam referir-se a um projeto particular, apresentado ao Congresso? A desagregação escolar? Ao papel dos Estados Unidos no Vietnã?

O dilema básico é que, por um lado, questões específicas são frequentemente necessárias para tornar os itens relevantes para o entrevistado. É possível que ele tenha idéias definidas a respeito do papel dos EUA no Vietnã ou sobre integração escolar, embora possa responder de maneira socialmente aprovada a alguma questão geral sobre os direitos abstratos das minorias ou o direito dos indivíduos a um julgamento honesto. Por outro lado, se as questões forem excessivamente específicas, perdem rapidamente sua atualidade e interesse. Se alguém pretendesse repetir o estudo cinco anos depois, tanto o Vietnã quanto a desagregação escolar poderiam ter-se tornado assuntos mortos. O estudo também não poderia ser repetido em outros países, esperando-se cobrir o mesmo

se começar é através de textos gerais sobre métodos de pesquisa. Ver especialmente Seltiz et al., *Research Methods in Social Relations* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1959), e William J. Goode e Paul K. Hatt, *Methods in Social Research* (Nova York: McGraw-Hill Book Co., 1952). Ambos publicados em português, com os títulos: *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais* (São Paulo, Ed. Helder, 1965) e *Métodos em Pesquisa Social* (São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1969). (N. R.)

C. Ferris  
 10/10/63  
 21/10/1963  
 21/10/1963

tipo de variáveis. Naturalmente, um francês poderia desaproveitar a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã e similarmente endossar a integração racial nos Estados Unidos, mas isto nos diria muito pouco sobre seu nível geral de preconceito ou sobre seu conservadorismo político. Dever-se-ia encontrar um conjunto diferente de itens, mais relevante para os problemas franceses.

Assim, a tentativa de encontrar instrumentos de mensuração que sejam sensíveis o bastante para distinguir os diferentes níveis de uma variável — tal como preconceito — pode exigir o uso de itens altamente específicos. Mas isso conflita com a intenção de se encontrar medidas que sejam bastante gerais para serem aplicadas a uma ampla variedade de contextos e a períodos razoáveis de tempo. Mesmo no caso de questões muito gerais, existe a possibilidade de que tenham significados diferentes para várias pessoas. Um cético pode sempre afirmar que elas podem estar encobrindo um motivo diferente não explícito ou atitudes diferentes em contextos diversos. Uma resposta a tal cético seria negar qualquer intenção de inferir qualquer coisa além das respostas reais às perguntas. Isto é, pode-se dizer que não há realmente interesse em atitudes subjacentes, mas apenas nas respostas em si. Mas por que selecionar apenas um conjunto de, talvez, dez questões, quando literalmente existem milhares que poderiam ser feitas? Este tipo de resposta ao cético, obviamente, não é satisfatório.

Um segundo tipo de decisão que sempre precisa ser feito refere-se ao grau em que os objetivos da medição serão ocultados. De que maneira os entrevistados nos dirão como realmente sentem ou pensam? Talvez nos digam apenas o que pensam que socialmente aprovadas. Parecem existir duas formas básicas de resolver este tipo de dificuldade. A primeira é não fazer nenhum esforço para ocultar o fato de que as perguntas foram planejadas para descobrir o preconceito, o conservadorismo, ou qualquer outro tópico controverso, e, ao mesmo tempo, assegurar ao entrevistado que é importante para ele mesmo ser inteiramente sincero. Se é usada esta abordagem, o

entrevistador deve se esforçar para conseguir um bom relacionamento com o entrevistado e assegurar que ele permanecerá anônimo, e que não há possibilidade de que suas respostas o prejudiquem. Além disso, pode-se afirmar que o entrevistado representa pessoas como ele (o que é verdade) e que o pesquisador precisa saber o que ele realmente pensa. Como se afirmou, uma vez estabelecida tal relação de confiança, a maioria dos entrevistados fala abertamente sobre assuntos bastante controversos, e pode-se supor, então, que não será introduzida nenhuma tendência sistemática. Em alguns casos é possível construir controles cruzados fazendo-se a mesma questão de várias maneiras diferentes, mas um entrevistado inteligente poderia, se quisesse, enganar o entrevistador. Naturalmente, o objetivo essencial é fazê-lo entender que não há por que fazer isto.

Talvez o entrevistado esteja somente enganando a si mesmo! A estratégia acima pressupõe que o entrevistado é um indivíduo racional, consciente de suas verdadeiras atitudes e que também tem uma opinião razoavelmente definida sobre muitas das perguntas que foram feitas. O que acontece se essas suposições são falsas? Ou se o entrevistado reconhece seu preconceito, mas guarda-o cuidadosamente contra todos os intrusos, mesmo dos entrevistadores mais amigos e que despertam mais tranquilidade? Ou se o assunto é tão controverso que se pode esperar que muito poucos entrevistados queiram cooperar? Uma segunda estratégia geral pode então ser utilizada. Esta segunda abordagem depende da suposição de que se o verdadeiro propósito do estudo pode ser cuidadosamente disfarçado, os motivos e atitudes não-explicitos do entrevistado podem ser inferidos através de hábeis análises de suas respostas a estímulos muito vagos que estimulem respostas abertas. Por exemplo, pode-se mostrar a ele uma série de retratos, brancos, e pedir que conte uma história sobre cada um deles. Seu preconceito é então inferido através de um estudo das histórias que escrever. Ou seu conservadorismo pode ser inferido das respostas a uma série de itens, nenhum dos quais se referindo direta-

mente à política, economia, ou relações internacionais, mas referindo-se, talvez, a relações hipotéticas com os pais, crianças, autoridades religiosas, e assim por diante.

A dificuldade com estas técnicas "projetivas", como são chamadas, é que a mensuração torna-se muito mais indireta e aberta a várias interpretações, ou seja, a tendenciosidade do pesquisador pode muito bem ser introduzida. Uma pessoa lendo as histórias do entrevistado pode ver uma grande quantidade de hostilidade disfarçada em relação às minorias, enquanto um segundo leitor pode não a ver. Na realidade, as interpretações das histórias podem dizer mais sobre o pesquisador que as leu do que sobre os entrevistados! Para evitar esta dificuldade, os cientistas sociais que utilizam essas técnicas projetivas desenvolveram formas razoavelmente elaboradas e padronizadas de registrar as histórias ou outros tipos de respostas. Apenas registradores bem treinados podem ser capazes de alcançar um alto grau de concordância sobre a maneira de registrar cada entrevistado, e existem sempre problemas a respeito de quanta discordância haverá entre os especialistas treinados em ambientes diferentes.

Novamente, o cético pode sempre afirmar que a *verdadeira essência* da atitude na questão não foi interceptada, ou que, apesar de todos os esforços para disfarçar o objetivo, os entrevistados na realidade estavam escondendo seus verdadeiros sentimentos. Como vimos, durante os capítulos anteriores, existem muitos pontos onde um cético pouco razoável pode falsear *qualquer* estudo, não importando quanto cuidadosamente ele tenha sido planejado. Este é especialmente o caso quando se está preocupado com a mensuração de atitudes. Nossa tarefa consiste, por conseguinte, em convencer o cético de que um grande número de precauções foram tomadas e que outras teriam sido tomadas se não existissem limitações de tempo, dinheiro ou conhecimento existente.

#### A INFERÊNCIA DE DIMENSÕES

No restante desta seção eu gostaria de focalizar um dos problemas que mais desafiam o estudante que

enfrenta a mensuração de atitudes. Como se pode dizer que as questões que foram usadas estão interpretando uma única atitude básica ou várias questões diferentes ao mesmo tempo? Dizendo de outra maneira: existem várias dimensões diferentes sendo interpretadas, ou é razoável supor que os indivíduos podem ser classificados num único contínuo, de alto a baixo, de favorável a desfavorável, ou de liberal a conservador?

Acredito que tem sido historicamente verdadeiro que na maioria dos casos em que os pesquisadores estudaram o que pensaram ser uma única dimensão (digamos, preconceito ou conservadorismo político) mais tarde descobriram que duas ou mais dimensões estavam envolvidas. Este tipo de descoberta pode resultar em consideráveis refinamentos sobre o senso comum. Por exemplo, descobriu-se que conservadorismo político parece possuir pelo menos duas dimensões bem distintas. Pessoas liberais em relação a questões econômicas (favoráveis em relação a sindicatos ou seguro social) podem ou não ser liberais quanto às liberdades civis e os direitos da minoria. Por conseguinte, a simples distinção entre "liberais" e "conservadores" pode ser altamente enganadora, tanto prática quanto teoricamente.

A utilização de procedimentos simples de registro pode, efetivamente, tornar impossível estudar a possibilidade de que uma dada série de questões cubra mais do que uma dimensão de atitude. Na realidade, pode forçar uma ordenação nos dados, de forma que os indivíduos sejam automaticamente classificados de um extremo a outro, independentemente de como os padrões de respostas aparecem. Isto pode ser ilustrado em termos de um tipo bem comum de escala de atitude, construído pela soma simples dos escores correspondentes a cada questão.

Suponhamos que foi fornecido ao entrevistado um conjunto de itens nos quais se pede que indique se "concorda fortemente", "concorda", é "neutro" ou não tem opinião, "discorda", ou "discorda fortemente". Podem então ser atribuídos valores às suas respostas, através de algum sistema arbitrário (digamos, atribuindo às respostas acima os valores 3, 2 e 1,

## INTRODUÇÃO A PESQUISA SOCIAL

respectivamente). Isso é feito para cada uma das perguntas e obtém-se um valor total. Algumas das perguntas serão redigidas de maneira oposta, de forma que uma resposta "concordo" indica alto preconceito num item, enquanto "discordo" indica alto preconceito no item seguinte, mas isto pode ser facilmente manipulado invertendo-se os valores (digamos) do segundo item.

- Por exemplo, duas afirmações poderiam ser:
1. Os brancos e os negros deveriam frequentar escolas separadas.
  2. Deveriam ser dados aos negros exatamente os mesmos direitos políticos dos brancos.

Poderia ser construída uma escala de valores de forma que um alto valor indicasse alto preconceito. No exemplo acima, uma pessoa que "concorda fortemente" com a primeira afirmação e "discorda" da segunda deveria receber um valor 5 na primeira pergunta e 4 na segunda; alguém que "discorda" da primeira e que é "neutro" em relação à segunda receberia valores 2 e 3 nos respectivos itens.

Pode-se ver rapidamente que, desde que todos recebam algum valor numérico que, desde que todos soma dos valores resultará numa ordenação automática de todos os indivíduos, independente de como os itens foram utilizados. Na realidade, poder-se-ia construir rapidamente uma "escala" sem sentido, consistindo, digamos, de dez perguntas desconexas. Em um caso como este, a maioria dos valores se avariaria da média da possível ordem, mas só por acaso alguns receberiam valores perto do máximo e do mínimo. Poderiam, então, ser ordenados no que diz respeito à "dimensão". E neste sentido que podemos dizer que o método força uma ordenação dos dados. Se na realidade todos os itens interceptam uma única dimensão de atitude, então está tudo bem. Mas se não o fazem, então é provável que o resultado seja uma conclusão sem sentido, se puder ser reconhecido como tal, ou — muito pior — uma conclusão enganadora.

## MENSURAÇÃO

## ANÁLISE FATORIAL

Uma forma razoavelmente óbvia de se contornar esta dificuldade é estudar as questões individuais para verificar se são compatíveis entre si. Podem-se presumir que, se todas elas estão interceptando o mesmo fator, digamos preconceito, então os itens deveriam estar correlacionados entre si. Isto é, se uma pessoa responde de maneira preconceituosa a uma pergunta, é relativamente mais provável que responda de forma preconceituosa às outras questões. É claro que não esperamos uma relação perfeita, à medida que cada pergunta terá seus aspectos peculiares para cada indivíduo dado. Uma pessoa que é geralmente muito preconceituosa pode ter tido vários contatos agradáveis com os pretos no atletismo e pode não objetar esportes integrados. Uma segunda pessoa pode ter opiniões fortes sobre os direitos políticos das minorias porque seu pai adotava esta posição. Em virtude do fato de que cada questão individual tem seus aspectos peculiares que podem ser entendidos como produtores de erros casuais de mensuração, torna-se normalmente desejável a utilização de pelo menos cinco ou seis itens. Com efeito, esta é uma das formas que os cientistas sociais têm para replicar os estudos. Ao estudar o grau de integração das perguntas, o cientista social está essencialmente tentando decidir o quanto todas as suas repetições envolvem medidas das mesmas coisas.

Em geral, quanto menos direta seja a vinculação das perguntas às atitudes específicas que estão sendo estudadas, menor será a correlação entre elas, e maior a oportunidade para interferências aleatórias. Porém isto nem sempre ocorre, já que um conjunto de itens pode estar interceptando alguma outra dimensão de atitude não tomada explicitamente em consideração. Por este motivo, torna-se necessário estudar os *padrões* de correlação entre os itens, assim como suas magnitudes absolutas. Mas, quando admitimos este tipo de dificuldade, não podemos usar regras simples de manuseio, ligadas ao senso comum. Consideremos um exemplo específico para ilustrar este ponto.